
Os estilos parentais como influência no desempenho escolar

Ronilene Rezende Oliveira Barcellos

Professora de Música

Especialista em Psicopedagogia e Neuropsicologia

Acadêmica de Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Gabriela Reyes Ormeno

Doutora em Psicologia

Docente do Mestrado em Psicologia Forense pela Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Resumo

O elo adequado entre família e escola é importante no desenvolvimento de crianças, na medida em que promove a inserção cultural e potencializa a aprendizagem. O presente estudo objetivou correlacionar dimensões como estilos parentais e suporte familiar com desempenho escolar no ensino fundamental. Participaram do estudo 20 alunos, com idade entre 11, 12 anos, de ambos os sexos. Esses estudantes frequentavam escola pública em Curitiba/PR. Dados foram coletados e analisados conforme o Inventário de Estilos Parentais – IEP, e o Teste de Desempenho Escolar – TDE. Resultados mostraram que estilos parentais com prevalência de práticas negativas entre pais e filhos, e interação deficitária, correlacionaram-se negativamente, desfavorecendo o desempenho escolar em aritmética, leitura e escrita e pontuação geral do TDE. Concluiu-se que programas específicos de treinamento das habilidades educacionais para pais e mães, pode aprimorar práticas educativas positivas, diminuir práticas negativas, e promover suporte familiar positivo auxiliando crianças em seu desempenho escolar.

Palavras-chave: Estilos parentais. Aprendizagem. Desempenho escolar.

Abstract

Proper link between family and school is important in the development of children, as it promotes cultural inclusion and enhances learning. This study aimed to correlate dimensions like parenting styles and family support with academic performance in elementary education. Study participants were 20 students, aged between 11 and 12 years, of both sexes. These students attended public school in Curitiba/PR. Data were collected and analyzed according to the Parenting Style Inventory (IEP) and the School Achievement Test (TDE). Results showed that parenting styles with a prevalence of negative practices between parents and children, and deficient interaction, correlated negatively, disadvantaging school performance in arithmetic, reading and writing and overall score of TDE. It was concluded that specific training programs of educational skills for parents, can improve positive educational practices, reduce negative practices, and promote positive family support helping children in their school. performance.

Keywords: Parenting styles. Learning. School performance.

Através da aprendizagem a criança se insere de forma organizada no mundo cultural do qual faz parte, sendo a família o primeiro núcleo organizado da criança e, a escola, nesta etapa, uma das responsáveis por grande parte da aprendizagem adquirida. A aprendizagem que se dá na família está inter-relacionada com a que ocorre na escola, além de ser uma condição calcada na dialética entre fatores internos da criança (constituição genética específica a cada ser, aliado ao grau de maturação) e as influências externas (a família, a escola e o meio social) nas quais ela está inserida. Assim, uma das funções familiares pesquisadas com frequência atualmente é a função parental, por estar intimamente relacionada ao desenvolvimento humano (Batista & Weber, 2012; Papalia, 2010; Polity, 2009).

Pesquisas apontaram, que a escola é para a criança a grande demanda, por meio da qual é esperado que ela desenvolva suas potencialidades e se aproprie de conhecimentos historicamente constituídos. A escola pode ser considerada como a instituição

onde ocorre o início dos processos comunicativos da criança com outras instâncias, sendo assim, a família não pode deixar somente para a escola a responsabilidade sobre a aprendizagem dos filhos, devendo relacionar-se com este processo, apoiando a realização de tarefas e afazeres pertinentes ao processo de escolarização, oferecendo um suporte adequado às crianças, tolerância, respeito e amor (Batista & Weber, 2012; Papalia, 2010; Rotta, 2006; Comte-Sponville, 2000).

O relacionamento entre pais e filhos dão origem a comportamentos ou práticas que recebem nomes diferentes na literatura, como cuidados parentais, práticas de cuidados, práticas parentais, práticas educativas e estilos parentais. Estes termos representam a importância das relações entre pais e filhos como um conjunto de crenças, ideias e valores parentais. Entender como os estilos parentais podem influenciar o desempenho de crianças em fase escolar, pode apontar caminhos que favoreçam o seu desenvolvimento. Os estilos parentais constituem importantes preditores do desenvolvimento infantil, sendo compreendidos como conjuntos de comportamentos ou práticas educativas, que os pais utilizam para na interação com seus filhos (Gomide, 2003; Pasquali, 2012).

Práticas parentais e instrumentos validados

Ao investigar práticas educativas, identifica-se relações importantes entre as práticas adotadas pelos pais e o desenvolvimento de comportamentos antissociais. Os estilos parentais podem ser considerados em dois aspectos, tanto fator de risco quanto fator de proteção, de condutas desviantes, indicando que, de um lado a adversidade e a negligência parentais podem contribuir para o desenvolvimento de sujeitos com distúrbios de conduta, por outro, as práticas assertivas associadas ao bom funcionamento familiar, ao vínculo afetivo positivo, o apoio e a vigilância parentais, são considerados fatores protetores que reduzem a probabilidade das crianças praticarem comportamentos desviantes. Pesquisas revelaram que, filhos de pais negligentes poderiam ser inseguros, impulsivos, antissociais e apresentarem baixo rendimento escolar. Crianças educadas em lares cujas práticas são predominantemente negativas apresentaram piores performances em todas as áreas de desenvolvimento, além de apresentarem problemas afetivos e de comportamento. Ao contrário, crianças com pais autoritativos costumavam apresentar autoestima elevada, se mostraram independentes, autoconfiantes, e apresentaram melhor rendimento e boas notas na escola, o que os classificou como

competentes em várias áreas (Gomide, 2003; Fonsêca, Andrade, Santos, Cunha & Albuquerque, 2014).

Existiam vários instrumentos no contexto brasileiro que possibilitavam conhecer os estilos e as práticas parentais, dentre eles, Inventário de Práticas Parentais (IPP), e a Escala de Pertinência e Clareza (EPC), construída com a finalidade de medir o acordo Inter juízes. Mais tarde, o Inventário de Estilos Parentais de Young, buscou avaliar cinco fatores para escala materna sobre desconexão, afetividade, hipervigilância superproteção e limites prejudicados; e, para a escala paterna os itens verificados eram sobre rejeição, estabilidade emocional, orientação para o outro, autonomia prejudicada e limites prejudicados. Em sequência, outro instrumento foi criado avaliando componente como controle punitivo, supervisão do comportamento, cobrança de responsabilidade, intrusividade, apoio emocional, e incentivo à autonomia. Da origem destes instrumentos, verificou-se correlações entre práticas educativas parentais e variáveis de desenvolvimento psicossocial. Alguns pesquisadores optaram por trabalhar com estilos parentais definidos, outros analisaram as práticas educativas como variáveis que poderiam desenvolver comportamentos pró-sociais (em caso de sucesso no processo educacional) ou antissociais (em caso de falhas e fracassos na educação dos filhos), de acordo com a

frequência e a intensidade com que os pais aplicavam estas formas educativas a seus filhos (Pasquali, 2012; Salvo, Silvares e Toni, 2005).

O Inventário de Estilos Parentais - IEP, postulado por Gomide (2006), pontuou sete práticas educativas que compõem o Estilo Parental. As Práticas Educativas Positivas relacionadas ao uso adequado de reforçadores sociais, ao desenvolvimento da empatia e ao estabelecimento de contingências reforçadoras ou punitivas para o comportamento do filho onde se estabelecem regras claras e consequências para descumprimento destas regras, ações que promovem o desenvolvimento de habilidades pró-sociais, podem ser compreendidas como: A monitoria positiva que envolve o uso adequado da atenção e a distribuição de privilégios, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afeto, o acompanhamento e a supervisão das atividades escolares e de lazer. O comportamento moral que implica promover condições favoráveis ao desenvolvimento das virtudes, tais como, empatia, senso de justiça, responsabilidade, trabalho, generosidade e do conhecimento do certo e do errado quanto ao uso de drogas e álcool e sexo seguro sempre seguido de exemplo dos pais. As Práticas Educativas Negativas estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais, e compreendem: A punição inconsistente aquela em que os pais se

orientam por seu humor na hora de punir ou reforçar e não pelo ato praticado. A negligência caracterizada pela ausência de atenção e de afeto. A disciplina relaxada que compreende o relaxamento das regras estabelecidas. A monitoria negativa na qual através do processo educacional os pais praticam um excesso de instruções independente de seu cumprimento e, conseqüentemente, acabam gerando um ambiente de convivência hostil. O abuso físico caracterizado pela disciplina através de práticas corporais negativas ameaça e chantagem de abandono e de humilhação do filho (Gomide 2011; Salvo, Silvaes e Toni, 2005).

Desempenho escolar

O desempenho escolar satisfatório se relaciona à realização das tarefas escolares pelo aluno de forma eficaz, atingindo o objetivo final que é o aprendizado. Entretanto, muitos alunos apresentam desempenho insatisfatório. Alguns fatores são considerados relevantes segundo Oliveira, Boruchovitch e Santos (2008) ao contribuírem para o insucesso escolar, dentre eles, as características da escola, da família e do próprio aluno. A escola, contribui mediante suas condições físicas, pedagógicas e dos profissionais que lecionam e apóiam o processo educacional. A família contribui através do nível escolar dos pais, da

presença e participação na aprendizagem do filho. O aluno possui características próprias como motivação, autoestima, habilidades sociais, condições físicas e nutricionais como fatores preponderantes que afetam seu desempenho escolar.

Os comportamentos de hiperatividade, impulsividade, oposição, agressão, desafio e manifestações antissociais são comuns em crianças em idade escolar, assim como, os comportamentos de retraimento, medo e ansiedade, geralmente manifestados na escola. Tratando-se de aprendizagem, considera-se que há um nível adequado de emoção que deve ser empenhado nas atividades para garantir o envolvimento e aproveitamento. Embora frequentando a escola, pesquisas apontaram que, crianças apresentaram baixo rendimento escolar, e mesmo com dificuldades de aprendizagem, continuaram avançando para anos subsequentes, culminando em processo de escolarização insatisfatório (Camargo, 2004; Marcondes & Sigolo, 2012; Papalia, 2010).

Estudos revelaram, que crianças que possuem dificuldades de aprendizagem têm uma autoimagem com menor habilidade para aprender e maiores dificuldades comportamentais, além de menor capacidade para se ajustar às necessidades do meio, quando comparadas a crianças sem dificuldades escolares. Crianças que se relacionaram positivamente com outras pessoas, possuíram maiores chances de desenvolvimento

satisfatório. A ausência de características interpessoais positivas levou as crianças a apresentarem dificuldades de aprendizagem, comportamentais, emocionais ou psicossociais. Portanto, crianças que apresentam problemas de comportamento e baixo desempenho escolar são consideradas em situação de risco, estando associadas a baixo nível de rendimento escolar e altos níveis de repetência e evasão, constituindo o fracasso escolar (Cia e Barham, 2009; Oliveira, Boruchovitch e Santos, 2008).

Relacionamento familiar

A criança em idade escolar passa menos tempo com os pais, porém o relacionamento parental rico em apoio e empatia continua sendo fundamental. Compreender o desenvolvimento da criança implica verificar como se dá seus comportamentos e relacionamentos no contexto familiar, verificando a estrutura, que pode ser afetada pelo que ocorre fora do ambiente familiar, na escola. O envolvimento dos pais relaciona-se às atividades da escolarização, que são diversificadas e abrangentes no processo de ensino-aprendizagem, em casa ou na escola. A família é um dos grandes agentes preditores do processo de socialização, pois no ambiente familiar a criança adquire valores, crenças, atitudes, normas e comportamentos considerados

adequados pela cultura na qual está inserida, que serão refletidos na vida escolar. Os pais têm a função de reforçar os comportamentos de seus filhos, além de dar indicativos de sua adequação ou não ao contexto de ação (Marcondes & Sigolo, 2012; Pasquali, 2012; Polity, 2009).

Para Falceto (2008), “a família pode ser considerada um sistema vivo, semiaberto, que se desenvolve e se transforma com o tempo – não nasce e não morre, surge de famílias às quais dá continuidade e se transforma em novas famílias. Para entendê-las, é necessário levar em conta três gerações”. As famílias se influenciam mutuamente, e participam da definição de regras de relacionamentos que vão se modificando conforme o estágio do ciclo vital e as crises situacionais que enfrentam. A própria estrutura hierárquica familiar dá aos pais condições de alterar as condutas infantis, por isso é tão relevante a compreensão sobre como se desenvolvem as práticas parentais no seio familiar, e seus reflexos nas questões educacionais dos filhos (Labbadia & Castro, 2008; Falceto, 2008; Gomide, 2011).

Considerando-se as falhas extrínsecas à criança, provenientes do ambiente familiar, cultural e afetivo no qual está inserida, buscou-se investigar para efeito deste estudo, se estilos parentais e suporte familiar estavam associados ao desempenho escolar de alunos

do ensino fundamental da escola pública, analisar se existiam disparidades entre crianças com diferentes desempenhos escolares em relação a variáveis como estilos parentais e suporte presentes no ambiente familiar como motivações, prioridades, e nível de interesse em relação às atividades escolares.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 20 estudantes, dez meninos e dez meninas, com idade variando entre 11 e 12 anos, média de 11 anos, que frequentavam o 6º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Curitiba. A metade apresentava mau comportamento e a outra metade apresentava bom comportamento em sala de aula, além disso, 75% eram consideradas com baixo rendimento, rendimento escolar.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para coleta de dados, sendo eles:

Inventário de Estilos Parentais, IEP (Gomide, 2003) foi aplicado nas crianças. O IEP é composto

por 42 questões sobre a forma como os pais educam seus filhos, através de duas práticas educativas positivas e cinco negativas. O Índice de Estilo Parental é obtido através da somatória dos pontos obtidos nas questões que se referem às práticas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) que são subtraídos da somatória dos pontos das práticas negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico). Quando negativo o índice informa a prevalência de práticas educativas negativas e quando positivo, a presença de práticas positivas no processo educacional.

Teste de Desempenho Escolar, TDE (Stein, 2004) aplicado para obter um índice do desempenho escolar das crianças. O TDE é um instrumento com propriedades psicométricas, que avalia as capacidades fundamentais para o desempenho escolar. Esse teste foi concebido para a avaliação de escolares de primeira a sexta séries do ensino fundamental e é composto por três subtestes: a) escrita, envolvendo a escrita do nome próprio e de trinta e quatro palavras isoladas, apresentadas sob a forma de ditado; b) aritmética, requerendo a solução oral de três problemas e cálculos de trinta e cinco operações aritméticas por escrito; e c) leitura, requerendo o conhecimento de setenta palavras isoladas do contexto.

Procedimentos

Inicialmente foi feito um contato com a escola pertencente à rede pública de ensino fundamental situada no município de Curitiba/PR. Foi realizado contato prévio com a diretora a fim de verificar a possibilidade de realização da pesquisa na escola, bem como, para explicitação dos objetivos do projeto e as possíveis contribuições para a população estudada. Após o aceite, a direção indicou algumas crianças para serem participantes do estudo. Em seguida foram encaminhados para os pais das mesmas, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Após a assinatura do termo de consentimento, teve início a coleta de dados. Foram realizadas cinco visitas à escola para realização da testagem. A amostra de crianças foi selecionada por conveniência, de acordo com a necessidade da escola em verificar a relação existente entre comportamento e rendimento escolar. Os convites para participação na pesquisa foram enviados aos pais através dos próprios filhos. Após anuência dos pais e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as datas para coleta de dados foram agendadas com a escola. As crianças responderam às duas formas do IEP (para mãe e para pai) e ao TDE (leitura, aritmética e escrita), em uma sala de apoio escolar. A aplicação dos instrumentos foi realizada individualmente, tendo cada avaliação,

duração média de 50 minutos. A análise do IEP e do TDE realizou-se por meio de seus próprios manuais.

Resultados

Práticas parentais dos participantes

Com relação ao resultado total do IEP, a Tabela 1 faz um demonstrativo geral de resultado. Os dados apurados revelaram que entre os 20 participantes: 50% das práticas maternas e paternas foram consideradas de risco; 25% das práticas maternas e paternas foram consideradas regulares (abaixo da média); e 25% das práticas maternas e paternas foram consideradas regulares (acima da média). Não houve ocorrência de porcentagens em relação às práticas maternas e paternas com classificação ótima. Quanto ao conjunto de práticas educativas parentais maternas e paternas foram avaliados tal como descrito na Tabela 2, que refletiu uma dinâmica familiar em que o estilo parental era negativo, indicando uso frequente de práticas negativas em detrimento de práticas positivas. A partir das respostas dos 20 informantes, gerou-se comparativo entre as práticas consideradas positivas: a prática materna de monitoria positiva teve maior ocorrência (média 10,7) do que a prática paterna (média 9,8). Ao contrário, quanto ao comportamento

moral a prática paterna (média 9,7) prevaleceu sobre a materna (média 9,65). Comparando-se a ocorrência de práticas educativas negativas, observou-se que: a punição inconsistente ocorreu com mais frequência na prática materna (média 4,9) do que na paterna (média 4,35); quanto a negligência, as práticas maternas em média apresentaram uma ocorrência menor (3,1) em relação às práticas paternas (3,5). Quanto à disciplina relaxada em média as práticas paternas prevaleceram (4,95) sob as práticas maternas (4,7) no processo

educativo. Sobre a monitoria negativa verificou-se que as práticas maternas são mais negativas (6,55) em relação às paternas (6,05). Apesar de terem pouca diferença em relação à média de ocorrência, foi o tipo de prática com prevalência mais alta no comparativo entre todas as práticas negativas. Em relação ao abuso físico observou-se que nas práticas maternas sua média de ocorrência foi maior (3,8) em relação às práticas maternas (2,8).

Tabela 1 – Resultado Total do IEP

Estilo Parental	Mãe	%	Pai	%
Ótimo	0	0%	0	0%
Regular (acima da média)	5	25%	5	25%
Regular (abaixo da média)	5	25%	5	25%
De risco	10	50%	10	50%

Tabela 2 - Práticas parentais maternas e paternas

Item	Mãe		Pai	
	Soma	Média	Soma	Média
A. Monitoria Positiva	214	10,7	196	9,8
B. Comportamento moral	193	9,65	194	9,7
C. Punição inconsistente	98	4,9	87	4,35
D. Negligência	62	3,1	70	3,5
E. Disciplina relaxada	94	4,7	99	4,95
F. Monitoria negativa	131	6,55	121	6,05
G. Abuso físico	62	3,1	56	2,8

Desempenho escolar em relação à série e idade

O resultado do desempenho escolar das crianças com relação à série foi apresentado na Tabela 3. Percebeu-se que nos escores dos domínios aritmética, leitura e escrita os participantes obtiveram escores inferiores que variou de 75% a 90%, e apenas 10% obteve escore superior em Escrita. Sendo a média total, 85% dos alunos encontrou-se em nível inferior de domínio das atividades escolares básicas, 10% nível médio e 5% nível superior para tais habilidades. O desempenho escolar dos participantes por idade (11 e 12 anos) em comparação com os resultados de estudantes de grupos da amostra de referência (Stein, 2004), apontou que 90% apresentou desempenho inferior, 10% nível superior comparado com grupos

de escolares da mesma idade. Os resultados gerais apresentados pela maior parte do grupo avaliado, obteve classificação inferior, ressaltando evidências de que, quanto ao desempenho escolar na área de linguagem, o conhecimento da escrita de palavras não estava adequado ao nível de aprendizagem escolar, indicando que poderia haver dificuldades de decodificação, ou seja, leitura de palavras isoladas. Os alunos deste mesmo grupo apresentaram nível de conhecimento de cálculos aritméticos inferior ao esperado para o 6º ano do ensino fundamental (Stein, 2004).

Relações estabelecidas a partir de um caso dissonante

O caso modelo considerado dissonante, apresentou dados sobre o menino F.P., 11 anos, com queixa de indisciplina. No Inventário de Estilos Parentais (IEP), F.P. apresentou estilo parental de risco, sendo as práticas parentais negativas prevalentes a práticas positivas. Em relação às práticas maternas o instrumento apontou práticas negativas como monitoria negativa concorrendo com práticas positivas como comportamento moral. Na prática paterna observou-se prática negativa de disciplina relaxada em concorrência com a prática positiva monitoria positiva. No Teste de Desempenho Escolar (TDE), F.P. obteve classificação superior para

Tabela 3 – Classificação de Escores em relação à série – 6º ano

Item	Resultado Escore (Total)					
	Inferior	%	Médio	%	Superior	%
Escrita	17	85%	1	5%	2	10%
Aritmética	18	90%	1	5%	1	5%
Leitura	15	75%	4	20%	1	5%
Total	17	85%	2	10%	1	5%

escrita e aritmética, classificação média para leitura, e classificação superior para o escore bruto total do teste, em relação à sua série escolar. Quanto à previsão de escore bruto, a partir da idade, F.P. encontrava-se em nível superior a outras crianças da mesma faixa etária para os testes de escrita, aritmética, leitura e total.

Discussão

Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag (2005); Gomes (2011); Salvo, Silveiras e Toni (2005); VandenBos (2010), apontaram relações entre as características e práticas adotadas pelos pais e suas consequências no desenvolvimento dos filhos, no que se relacionou a comportamentos pró-sociais ou antissociais. O resultado geral do IEP apontou que metade dos entrevistados se encontrava em estilo parental de risco, sendo indicativo da necessidade de participação destes pais em grupos de intervenção terapêutica, que

mostrassem a importância do uso das práticas positivas em relação às negativas no desenvolvimento dos filhos. Neste sentido, pesquisas apontaram a importância na relação pai-filho, principalmente quanto às práticas educativas utilizadas. Pais com habilidades sociais possuem tendência a exercer a monitoria positiva e o comportamento moral como estratégias educacionais, evitando o comportamento antissocial em seus filhos, colaborando para o adequado desenvolvimento pró-social da criança. Por outro lado, existe uma correlação entre depressão e estresse com as práticas educativas negativas, pois, pais estressados, em maior frequência, adotam práticas como negligência, abuso físico, punição inconsistente, disciplina relaxada e monitoria negativa (Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag, 2005; Gomes, 2011).

A monitoria positiva foi adotada com maior frequência nas práticas maternas, enquanto na prática paterna eram adotadas com maior frequência o comportamento moral na educação dos filhos, conforme resultados obtidos neste estudo. Gomes (2011), considerou o comportamento moral uma prática importante na potencialização da competência social, e tal prática associada a monitoria positiva, pode desenvolver comportamentos pró-sociais nos filhos. Salvo, Silvares e Toni (2005), apontaram a falta de monitoria positiva como uma das variáveis

responsáveis pelo desenvolvimento do comportamento agressivo, e, por outro lado, a presença desta prática, pode facilitar o desenvolvimento da sociabilidade.

A prática educativa envolvendo o comportamento moral, foi correlacionada, segundo pesquisadores, ao comportamento moral transmitidos aos filhos pelos pais, através de seus próprios comportamentos, diálogos, referentes a temas que abordam justiça, generosidade e empatia. Neste sentido, os repertórios comportamentais são desenvolvidos por meio da interação da criança com o ambiente, sendo os pais os melhores mediadores favorecendo a discriminação e a aquisição do comportamento moral, que vão resultar em comportamentos pró-sociais e empáticos. Estudos apontam que, alguns componentes como sentimento de culpa, vergonha, empatia, ações honestas, ações generosas, crenças positivas sobre o trabalho, e ausência de práticas antissociais, são fundamentais para a existência de comportamento moral. Sendo assim, esses componentes vão sendo desenvolvidos através das relações da criança com o ambiente, sendo que os pais são os melhores mediadores para favorecer a discriminação e a aquisição de repertório moral (Salvo, Silvares e Toni, 2005; Gomes, 2011, Comte-Sponville, 2000).

Gomes (2011), apontou que a criança aprende comportamentos morais adaptados, quando os pais

são capazes de exercer a monitoria positiva de forma adequada, facilitando o aprendizado de repertório das habilidades sociais pela criança. As habilidades sociais estão relacionadas ao desenvolvimento saudável da criança em um ambiente familiar que faça uso destas, com vistas a aquisição de repertório de habilidades sociais, imprescindíveis a uma boa sociabilidade. A falta de monitoria positiva pelos pais, pode causar déficits na sociabilidade da criança. Corroboraram com tais ideias, Salvo, Silvares e Toni (2005), pois apontaram que o estabelecimento de regras e o relacionamento estreito entre os membros da família poderiam reduzir a possibilidade de envolvimento das crianças em comportamento de risco. A monitoria positiva efetiva, poderia facilitar a prevenção de comportamentos antissociais, correlacionando-se positivamente com apego familiar e comportamentos pró-sociais.

A punição inconsistente, conforme os resultados deste estudo, ocorreu em uma frequência maior nas práticas maternas do que nas paternas. Para VandenBos (2010), a punição refere-se ao evento ou circunstância dolorosa, desnecessária ou indesejável imposta como uma penalidade para um transgressor. Conforme Salvo, Silvares e Toni (2005), a punição inconsistente caracteriza-se pela punição dependente do humor dos pais e não de acordo com o comportamento da criança, e devido à inconstância nas consequências

do comportamento do filho, este não sabe como agir e aprende a distinguir o humor dos pais ao invés de aprender como seria a forma correta de agir, como consequência, se dá a permanência do comportamento indesejado.

A prática de negligência por parte do pai, conforme apontada neste estudo, prevaleceu sobre a prática da mãe. A negligência pode ser considerada a falha em prover as necessidades básicas nos cuidados da criança quanto aos aspectos emocional, material ou assistencial. A negligência da criança é a negação da atenção, cuidados ou afeição considerados essenciais para o desenvolvimento normal das qualidades físicas, emocionais e intelectuais, usualmente por indiferença, desconsideração ou deficiências dos cuidadores da criança (VandenBos, 2010). Segundo o DSM-5, a negligência infantil se refere a qualquer ato ou omissão notáveis, confirmados ou suspeitados por um dos pais ou outro cuidador, que a privam das necessidades básicas adequadas à idade e, assim, resultam, ou têm razoável potencial de resultar, em dano físico ou psicológico à criança. A negligência infantil abrange abandono, falta de supervisão apropriada, fracasso em satisfazer às necessidades emocionais ou psicológicas e fracasso em dar educação, atendimento médico, alimentação, moradia ou vestimentas necessárias. Para Salvo, Silvares e Toni (2005), a negligência é considerada

um dos principais, senão o principal, desencadeador de comportamento antissocial em crianças.

Quanto à disciplina relaxada, segundo apontamentos deste estudo, a prática paterna foi mais usual que a prática materna. A literatura mostra que, disciplina é o treinamento que visa estabelecer comportamento e hábitos mentais desejados; também se refere ao controle da conduta, geralmente de uma criança, por meio de castigo ou recompensa. O relaxamento refere-se à diminuição da intensidade (VandenBos, 2010). Neste sentido, Salvo, Silvano e Toni (2005) esclareceram que crianças expostas de forma constante a práticas educativas de disciplina relaxada podem estar em potencial situação de risco, para o desenvolvimento de comportamentos delinquentes, tendo em vista que os comportamentos de agressividade e de oposição encontram em tais práticas campos propícios para se desenvolver.

A prática de monitoria negativa materna prevaleceu sobre a paterna, neste estudo. A monitoria negativa estava intimamente relacionada ao controle psicológico, que se refere as tentativas de controle que inibem e interferem no desenvolvimento da independência e no autodirecionamento da criança pelo fato de manter dependência emocional dos pais. O uso extensivo do controle psicológico comportamental, induzindo a culpa, e retirando o amor, impede o aparecimento da

autonomia psicológica, prevalecendo sentimento de inadequação e de angústia na criança (Salvo, Silvano e Toni, 2005).

Neste estudo, as práticas maternas prevaleceram sobre as paternas em relação a prática de abuso físico. O abuso físico relaciona-se ao abuso de uma criança por um genitor ou outro cuidador, podendo abranger abuso sexual e abuso ou negligência emocional (VandenBos, 2010). Conforme o DSM-5, o abuso físico infantil é uma lesão física não acidental a uma criança, com variações desde contusões de menor importância a fraturas graves ou morte, que ocorre como consequência de beliscões, espancamento, chutes, mordidas, sacudidas, arremesso de objeto, facada, sufocação, batidas (com a mão, uma vara, uma cinta ou outro objeto), queimadura ou outro método infligido por um dos pais, cuidador ou outro indivíduo responsável pela criança. Esse tipo de lesão é considerado abuso, independentemente de o cuidador ter tido ou não intenção de machucar a criança. Disciplina física, como usar as palmadas ou palmatória, não é considerada abuso, desde que dentro do razoável, sem causar lesão ao corpo da criança. Segundo Salvo, Silvano e Toni (2005), essa prática pode desencadear comportamento delinquentes e distúrbios psiquiátricos, além disto, crianças que sofrem abuso físico dos pais têm

maior probabilidade de desencadear problemas de saúde, de comportamento e déficits cognitivos e socioemocionais.

Em suma, verificou-se que quanto às práticas positivas, a monitoria positiva estava diretamente relacionada às ações maternas, enquanto o comportamento moral relacionou-se com a ação paterna no contexto educacional dos filhos. Quanto as práticas negativas, verificou-se que abuso físico, monitoria negativa e punição inconsistente tiveram maior incidência de ocorrência nas práticas maternas, e, disciplina relaxada e negligência ocorreram com maior frequência nas ações paternas. Obteve-se, portanto, o indicativo de que, um programa específico de treinamento de habilidades educacionais para pais e mães de crianças, poderia enfocar tais temas, afim de conduzi-los ao esclarecimento das consequências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas e, a busca pelo aprimoramento de suas performances educativas.

A partir da análise dos resultados obtidos no Teste de Desempenho Escolar – TDE, este estudo demonstrou que o grupo avaliado apresentou nível inferior nos testes de escrita, aritmética e leitura, além de nível inferior no resultado total. Com base neste resultado, Oliveira, Boruchovith e Santos (2008), corroboraram quando mencionaram que os

alunos que não conseguem obter bom desempenho escolar, podem ser discriminados e cobrados pelos familiares, pelo discentes e pelos colegas. Considerou-se que a leitura serve de base para a aquisição de novos conhecimentos por permitir a ampliação de conhecimentos armazenados na memória de longo prazo, tendo em vista a importante relação entre leitor e leitura. A compreensão em leitura possui benefícios, dentre os quais se apresentam a minimização de dificuldades escolares e, a melhora do desempenho em outras disciplinas, como a matemática, que necessita de recursos cognitivos complexos, como o raciocínio analógico e analítico.

Tendo como base a correlação entre o inventário de estilos parentais e o teste de desempenho escolar, observou-se que existia uma gama variada de habilidades sociais educacionais paternas e maternas influenciando o desempenho que se fizesse satisfatório na escolarização das crianças. A interação deficitária com prevalência de práticas parentais negativas entre pais e filhos desfavoreceram o desempenho das crianças em aritmética, leitura e escrita, e pontuação geral no TDE. Verificou-se que, a cobrança dos pais e da escola, e a falta de incentivo para atividades de leitura, influenciaram diretamente na escrita e na matemática, sendo outro fator correspondente ao fracasso escolar das crianças avaliadas (Cia, Pamplin

e Willians, 2008; Oliveira, Boruchovith e Santos, 2008).

Os resultados apontaram, que seria adequada a realização de uma avaliação específica nas áreas de leitura, escrita e aritmética, utilizando-se outros instrumentos, que detalhassem os déficits apontando possíveis intervenções. Seria pertinente, que as instituições de ensino adotassem programas destinados a aprimorar e a motivar a leitura, tanto em sala de aula, quanto em outros espaços como de lazer objetivando a melhora do desempenho escolar das crianças (Stein, 2014; Oliveira, Boruchovith e Santos, 2008).

De acordo com Pergher, Colombini, Chamati, Figueiredo e Camargo (2012), as dificuldades de estudo são iniciadas e mantidas por contingências de ensino podendo estar relacionadas às condições antecedentes (ambiente de estudo inexistente, mal iluminado, com variados estímulos visuais, auditivos e sociais, horários não estabelecidos para estudo e para a rotina de vida, caderno e livros desorganizados, incompletos e não atraentes), às repostas emitidas pelos alunos (a escola exime-se do ensino, e espera que o aluno desperte sozinho o comportamento de estudar), e às condições consequentes do comportamento de estudar (apresentação de consequências aversivas e retiradas de reforçadores positivos, reduzindo a probabilidade de ocorrência do comportamento de estudar).

Neste sentido, as práticas de interação positivas são incompatíveis com práticas coercitivas nocivas ao desenvolvimento infantil. Um relacionamento colaborativo, entre pais e filhos, ao interagirem de modo positivo e com maior frequência, poderia oportunizar demonstrações de afeto, segurança, apoio, além de motivar os filhos para o estudo, através do interesse por atividades rotineiras desenvolvidas na escola (Cia, Pamplin e Willians, 2008).

Em relação aos interesses pelas atividades escolares ou por atividades externas a este contexto, é comum as crianças terem uma agenda preenchida com diversas atividades extracurriculares concorrentes ao estudo, geralmente mais prazerosas (inglês, academia, dança, música, entre outros) e que reduzem objetivamente o tempo disponível para estudar. Estudos apontaram que, as atividades extracurriculares proporcionaram um sentimento imediato de felicidade e realização, e acabaram concorrendo com as atividades de estudo, que relacionadas anteriormente com momentos de dificuldades, estão relacionadas a sentimentos negativos e de punição como raiva, ódio, alívio, angústia, medo, ansiedade, dentre outros (Pergher, Colombini, Chamati, Figueiredo e Camargo, 2012).

Quanto ao suporte para os estudos, pesquisas apontaram que o processo escolar pode ser um facilitador para a aprendizagem tanto quanto para a

socialização dos estudantes, entretanto, existem casos em que alguns alunos ainda se sentem excluídos e não pertencentes ao sistema ao qual estão inclusos, podendo ser um diferencial para seu desempenho escolar, dificultando o aprendizado. Deste modo, para que as crianças sintam confiança em sua capacidade acadêmica, os pais deveriam supervisionar as tarefas da casa e ajudar os filhos apenas quando solicitados. Essa ajuda deve fazer com que os filhos raciocinem para aprender a fazer sozinhos, e nunca que os pais façam as atividades para eles, o que pode gerar um comportamento de dependência, pois a criança pode estudar apenas na presença dos pais e não generalizar o comportamento para a escola. Realizar conjuntamente com os filhos algumas atividades escolares é fundamental para o desempenho escolar satisfatório, existindo relação entre auxiliar os filhos nas lições de casa e o desempenho escolar (Cia, Pamplin e Willians, 2008; Pergher, Colombini, Chamati, Figueiredo e Camargo, 2012).

A interação dos pais com os filhos, e, o envolvimento ativo de cada um na educação das crianças, participando e demonstrando interesse pelas atividades escolares, culturais e de lazer, corroboraram com a ideia de que juntos nas responsabilidades e atribuições familiares, os pais podem promover um relacionamento afetivo com os filhos, gerando uma boa qualidade no relacionamento

familiar, favorecendo o desenvolvimento infantil em relação aos aspectos socioemocionais e de desempenho escolar (Cia, Pamplin e Willians, 2008). Sendo assim, uma rotina que prevaleça o estudo, deve ter como objetivo não só alcançar boas notas e cumprir tarefas nos prazos, mas também diminuir as queixas da escola, e desenvolver comportamentos como: lidar com limites e frustrações, seguir regras e desenvolver a responsabilidade, além de desenvolver o comportamento específico de estudar. Além disso, os pais devem auxiliar a criança a ampliar o repertório de hábitos de estudo que produzam consequências como reforço social e que gerem a sensação de sucesso, entendimento do conteúdo e compartilhamento de informações, além da descontaminação da situação de estudo que possa estar relacionada a condição de aluno com baixo desempenho escolar (Pergher, Colombini, Chamati, Figueiredo e Camargo, 2012).

Correlação de dados a partir de um caso dissonante

Analisando-se os dados obtidos no caso de FP, foram supostas correlações entre os estilos parentais e o desempenho escolar aliadas ao suporte familiar. Neste sentido, as práticas positivas, monitoria positiva (desempenhada pelo pai) e comportamento moral

(desempenhado pela mãe) puderam se correlacionar positivamente com o resultado do desempenho escolar do examinado que estava em nível superior, indicativos de suporte familiar adequado que envolvem aspectos como atenção, interesse, satisfação, hábitos, rotina e sentimento de pertença na escola. Neste contexto, considerando que a família é o principal ambiente no qual a criança se desenvolve havendo uma relação entre o ambiente familiar e o escolar, e considerando que, o que a criança passa em casa pode afetar o seu desempenho escolar, poderia ser funcional a escola oferecer encontros aos pais, que pudessem melhorar o envolvimento destes com seus filhos (Gomide, 2003; Stein, 2004; Cia e Barham, 2009).

As práticas negativas, monitoria negativa (desempenhada pela mãe) e disciplina relaxada (desempenhada pelo pai) se correlacionaram negativamente, com o desempenho escolar mediano em leitura apresentado pelo propósito. Esta relação remete ao suporte familiar na medida em que, a falta de suporte interfere na vida social e escolar da criança, gerando insegurança e insatisfação em relação ao relacionamento afetivo com seus pais, afetando seus interesses em se socializar positivamente na escola, e consequentemente ocasionando perda de interesses por atividades que necessitava de tal interação social como respeito às regras na escola, respeito aos professores,

convívio amigável com colegas de classe, participação em cursos extracurriculares, atividades esportivas, culturais e de lazer que demandam contato social (Gomide, 2003; Stein, 2004; Pergher, Colombini, Chamati, Figueiredo e Camargo, 2012).

Apesar de pais e mães interagirem com os filhos de maneiras diversas e em atividades diferentes, ambos podem contribuir para o aparecimento e a manutenção dos problemas infantis, muitas vezes, acabam reforçando um comportamento desadaptativo do filho ou possuem dificuldades em ajudar o filho a enfrentar situações importantes. Um pai ansioso pode ser incapaz de ajudar o filho a enfrentar seus medos, da mesma forma, um pai deprimido pode apresentar dificuldades em tecer elogios aos comportamentos adequados do filho (Caminha, Soares e Caminha, 2011). Assim, uma boa interação entre pais e filhos pode auxiliar no estabelecimento de um relacionamento seguro entre ambos, favorecendo os relacionamentos interpessoais das crianças com seus pares e a formação de um autoconceito satisfatório, aspectos que são maximizados no desempenho escolar (Cia, Pamplin e Willians, 2008).

Considerações finais

O presente trabalho procurou demonstrar como os estilos parentais e o suporte familiar influenciaram

o desempenho escolar de crianças. Verificou-se que, a interação entre pais e filhos através das práticas parentais, bem como sua participação nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos, estavam diretamente relacionadas com a vida e com o desempenho escolar dos estudantes. Sugeriu-se a participação em programas educativos, para pais e mães que tivessem indicativo de pouco envolvimento ou envolvimento inadequado com seus filhos considerados como estilo parental de risco, nos quais poderiam ser orientados e treinados, vislumbrando a melhoria de tais condutas e relacionamentos, resultando em

desenvolvimento saudável dos filhos, refletindo no contexto familiar.

Este estudo foi conduzido com uma pequena amostra de crianças restrita a apenas uma escola, e os dados obtidos foram baseados em informações relatadas por crianças, o que implicou em diferenças perceptivas em relação ao que pode realmente ocorrer no seu dia-a-dia, gerando controvérsias. Sendo assim, outros estudos deveriam ser considerados, a fim de monitorar a influência das práticas parentais e do suporte familiar no desempenho escolar de tais crianças ao longo do seu desenvolvimento.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed.
- BATISTA, A. P., & WEBER, L. N. D. (2012). Estilos de liderança de professores: aplicando o modelo de estilos parentais. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, 16(2) 2, p. 299-307.
- CAMARGO, D. de. (2004). *As emoções e a escola*. Curitiba: Travessa dos Editores.
- CAMINHA, M. G., SOARES, T., CAMINHA, R. M. (2011). Avaliação e conceitualização na infância. In: Rangé, B. & colaboradores. *Psicoterapias cognitivo-comportamentais*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.
- CIA, F., & BARHAM, E. J. (2009). Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 26(1), p. 45-55.
- CIA, F., PAMPLIN, R. C. DE O., & WILLIAMS, L. C. de A. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em Estudo*, 2(13), p. 351-360.
- COMTE-SPONVILLE, A. (2000). *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo: Martins Fontes.
- FALCETO, O. G. (2008). Terapia de família. In: Cordioli, A. V. e cols., *Psicoterapias: abordagens atuais*. (p. 221-245). Porto Alegre: Artmed.
- FERREIRA, M. C. T. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Universidade de São Paulo: Ribeirão Preto, nº 15(1), p. 35-44.
- FONSÊCA, P. N. da., ANDRADE, P. O. de., SANTOS, J. L. F. dos., CUNHA, J. E. M., & ALBUQUERQUE, J. H. de A. (2014). Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo: São Paulo, nº 2(18), p. 337-345.
- GOMES, C. (2011). Práticas positivas como estratégia para o aprendizado de comportamentos pró-sociais. *Dessarrollo Humano*, nº 70, p. 10-14.
- GOMIDE, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In: DEL PRETTE, A. & DEL PRETTE, Z. A. P. *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Alínea, p. 21-49.
- GOMIDE, P. I. C., Salvo, C. G. de, Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10,(2), p. 169-178.

- GOMIDE, P. I. C., & Sampaio, I. T. A. (2007). Inventário de estilos Parentais (IEP). Percurso de padronização e normatização. *Psicol. Argum*, Curitiba, v. 25, n. 48, p. 15-26.
- GOMIDE, P. I. C. (2009). Pais presentes, pais ausentes: regras e limites. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOMIDE, P. I. C. (2011). Inventário de Estilos Parentais (IEP). Modelo teórico – manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis, RJ: Vozes.
- KAEFER, H. (2006). Semiologia psicológica. In: ROTTA, N. T. [et al.], Transtornos de aprendizagem. (p. 87-102). Porto Alegre: Artmed.
- LABBADIA, E. M. & CASTRO, L. L. (2008). Intervenções para pais de crianças e adolescentes em terapia cognitivo-comportamental. In: CORDIOLI, A. V. e cols., *Psicoterapias: abordagens atuais*. (p. 745-759). Porto Alegre: Artmed.
- MARCONDES, K. H. B., & SIGOLO, S. R. R. L. (2012). Comunicação e Envolvimento: Possibilidades de Interconexão entre Família-escola? *Paidéia*, Araraquara-SP, v. 22(51), p. 91-99.
- OLIVEIRA, K. L. de., BORUCHOVITH, E., & SANTOS, A. A. A. dos. (2008). Leitura e desempenho escolar em português e matemática no ensino fundamental. *Paidéia*, São Paulo, nº 18(41), p. 531-540.
- PASQUALI, L. (2012). Questionário de Percepção dos Pais: Evidências de uma Medida de Estilos Parentais. *Paidéia*, Brasília, 22 (52), p. 155-164.
- PAPALIA, D. E. [et al.], (2010). Desenvolvimento Psicossocial na Terceira Infância. In: _____. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: AMGH.
- PERGHER, N. K.; COLOMBINI, F.; CHAMATI, A. B. D., FIGUEIREDO, S. de A., & CAMARGO, M. I. P. de; (2012). Desenvolvimento de hábitos de estudo. In: Borges, N. B., & Casas, F. A. *Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Artmed.
- POLITY, E., (2009). Terapia familiar e educação: conversações que ampliam. In: Osorio, L. C., & Valle, M. E. P. *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- ROTTA, N. T., (2006). Dificuldades para a aprendizagem. In: _____ [et al.]. *Transtornos de aprendizagem* (p. 114-123). Porto Alegre: Artmed.
- SALVO, C. G. de, SILVARES, E. F. de M., & TONI, P. M. de. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 22(2), p. 187-195.
- STEIN, L. M. (1994). *Teste de Desempenho Escolar (TDE)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- VANDENBOS, G. R. & cols. (2010). *Dicionário de Psicologia APA*. Porto Alegre: Artmed.